

Mulheres do Cerro conectadas para a reinvenção da feira e a promoção da vida durante a Pandemia de COVID-19

Hill women connected to reinvents treet fair and promote life during the Covid-19 Pandemic

CAMPOS, Ana Mileni Jaques de¹; COSTA, Cassiane da²

¹UERGS, ana-mileni@uergs.edu.br; ²UERGS, Cassiane-costa@uergs.edu.br

Eixo temático: Gêneros e feminismos na Agroecologia

Resumo

Nessa pesquisa, buscamos compreender como as camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro, Sant'Ana do Livramento/RS, reinventaram a feira e promoveram a soberania alimentar durante o período de Pandemia de COVID-19. Entrevistamos três feirantes através de ferramentas digitais e duas presencialmente. As relações entre a atuação dessas camponesas e a soberania alimentar se dão na quebra de paradigma do modelo convencional para o agroecológico, transcendendo barreiras impostas pela sociedade capitalista, machista e patriarcal. Elas reinventaram a feira dentro de uma logística organizada e solidária, utilizando as redes sociais. Essas mulheres são plurais, lutam pela equidade de gênero e pela oferta de comida de verdade no campo e na cidade. Assim, mesmo que por vezes não reconheçam o conceito de "Feminismo Camponês Popular", elas o vivem nas suas práticas que promovem a vida nesses tempos difíceis.

Palavras-chave: Agroecologia; Feminismo Camponês Popular; Reforma agrária; Redes sociais.

Keywords: Agroecology; Popular Peasant Feminism; Agrarian reform; Social networking.

Introdução

A agricultura convencional é dominante no Brasil atualmente. O agronegócio produtor de *commodities* voltados à exportação não garante comida na mesa de todas as pessoas, muito menos 'comida de verdade'. Isso fica claro durante o período de Pandemia de COVID-19 e crise econômica onde o agronegócio bate recordes de produção, enquanto a fome infelizmente se alastra no país. Uma mudança de paradigma se faz necessária com base na Agroecologia. Quem produz comida de verdade, e podem produzir mais com as condições adequadas, são os(as) camponeses(as).

Toda comida de verdade tem uma história para contar, um cenário, e atores e atrizes protagonistas. Escrevemos aqui sobre as mulheres protagonistas da feira do Assentamento Liberdade no Futuro, localizado em Sant'Ana do Livramento/RS. Em meio à Pandemia de COVID-19, essas mulheres que exercem um papel central na construção das feiras camponesas no município, tiveram que se reinventar de maneira estratégica para driblar os obstáculos impostos pela propagação do vírus. Com o distanciamento social imposto pelas medidas emergenciais, ocorreu o fechamento do comércio por algum tempo, tornando inviável fazer feira neste período na forma tradicional. Por este motivo, essas camponesas decidiram articular uma teia, ramificando seus(suas) clientes-amigos(as), de maneira que pudessem

reorganizar o fazer feira através das redes sociais, tomando todos os cuidados necessários.

Nesse contexto, esse estudo tem como objetivo compreender de que forma as camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro, em Sant'Ana do Livramento/RS, reinventam a feira e promovem a soberania alimentar durante o período de Pandemia de COVID-19. Ele se originou a partir da necessidade de dar sequência ao trabalho "A Arte de Fazer Feira" de Allende (2019), realizado com mulheres feirantes do mesmo assentamento. Essa monografia mostra como essas mulheres são protagonistas na construção das feiras camponesas do município nas últimas décadas, bem como a forma com que promovem a soberania alimentar. O trabalho delas está diretamente relacionado ao cuidado com o território e com a manutenção da biodiversidade.

Metodologia

Escolhemos como Método de Pesquisa, o Estudo de Caso. Como ferramentas, realizamos cinco entrevistas com auxílio de roteiro de questões. Por meio de ferramentas digitais, à distância, e de maneira presencial, na feira, foi possível realizar o diálogo com cinco camponesas feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro, no município de Santana do Livramento/RS. Cabe mencionar que para as entrevistas presenciais, foram tomados os cuidados necessários, utilização de máscara, álcool gel e distanciamento.

Esse município fica na Fronteira Oeste do RS, a cerca de 500km de Porto Alegre e faz fronteira seca com o município de Rivera, Uruguay. O Assentamento Liberdade no Futuro, também conhecido como Cerro dos Munhoz, foi o primeiro dos 30 existentes no município, sendo criado há trinta anos. Localizado há aproximadamente 25km do centro da cidade, o assentamento conta com cerca de sessenta famílias que trabalham com atividades como bovinocultura de leite, fruticultura, produção para autoconsumo e feiras. A produção de soja vem avançando dentro assentamento, assim como acontece em toda a região.

A feira camponesa foi a forma encontrada pelas famílias que chegaram há trintas anos para iniciar a comercialização. No início, a organização para produção e comercialização era feita em grupos mistos. Entretanto, com o passar dos anos as mulheres assumiram o protagonismo das feiras, permanecendo poucos homens.

Resultados e Discussão

A arte de reinventar a feira

As camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro construíram ao decorrer de anos de trabalho como feirantes, laços de confiança com seus(suas) clientes-amigos(as) que nem mesmo a pandemia de COVID-19 conseguiu abalar. Várias foram as estratégias adotadas.

Algumas mulheres seguem fazendo a feira de maneira presencial nos pontos como de costume. Outras assumiram a feira das mulheres idosas da família. As redes sociais também passaram a ser utilizadas de forma recorrente para encomenda de produtos, que são distribuídos de casa em casa. Carmen, por exemplo, passou a mobilizar a entrega dos produtos de um grupo de mulheres para dois destinos fixos, além de realizar entregas de casa em casa. Para as encomendas, a rede preferida é o WhatsApp, em grupo ou em contato individual. No Quadro abaixo podemos visualizar as mudanças que ocorreram na organização das feiras das mulheres de Cerro dos Munhoz, mulheres do Cerro como são conhecidas.

Quadro 01. Assentadas de Cerro dos Munhoz feirantes antes e durante a Pandemia de Covid-19

Antes da Pandemia de Covid-19'	Durante a Pandemia de Covid-19'
Ivani Roncai (Feirante há décadas, fazia feira no Terminal de ônibus da Tamandaré, estava em processo de parar a feira)	Marli Cupsinski (faz feira no Terminal de ônibus da Tamandaré, assumiu a feira da mãe e também traz alimentos da Ivani, que não fazem mais feira.)
Oliva Cupsinski (Feirante há décadas, fazia feira no Terminal de ônibus da e na Casa do MST, estava em transição para a filha Marli)	Lucimara Bueno (É nora da Dona Ana, assumiu a feira dela, agora as encomendas são por grupos WhatsApp e as entregas são feitas de casa em casa)
Lúcia Lunks (Feirante há décadas, fazia feira na Casa do MST e entregava os alimentos de casa em casa)	Carmen Vedovatto (Organiza as encomendas por WhatsApp, busca os produtos nas casas e entrega na Casa do MST, em casa em Rivera do Grupo de Economia Solidária Feminista e de casa em casa. Traz os produtos das assentadas Clair, Lurdes, Beatriz, Marli, Rute, Oliva, Cleide e Nira).
Ana Picollo (Feirante há décadas, fazia feira em uma casa no Bairro Armour e na Casa do MST)	Fátima Rade (Continua fazendo feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)
Fátima Rade (Feirante há décadas, fazia feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)	Silvana Bertoti (Na pandemia ficou em casa com filhos e o marido César segue fazendo feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)
Silvana Bertoti (Feirante há anos com o marido César, faziam feira no Terminal de ônibus da Tamandaré, assumiram a feira de Sueli e Vilmar, pais de César, feirantes por décadas no mesmo local.)	Loreci de Matos (Segue fazendo feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)
Loreci de Matos (Feirante há anos, fazia feira no Terminal de ônibus da Tamandaré)	Rute Schepp (Começou a fazer feira no Bairro Armour)
Carmen Vedovatto (Feirante há anos, fazia feira na Casa do MST)	

Fonte: Elaboração das autoras com base das informações das entrevistadas.

Nesse período de pandemia, a utilização das TICs (tecnologias de comunicação e informação) pelas feirantes aumentou consideravelmente. Essas ferramentas facilitam a troca de informações, especialmente durante a pandemia. Sabemos das dificuldades que o espaço rural enfrenta com relação às tecnologias, o difícil acesso, estradas em péssimas condições. Porém, o acesso à internet tem sido algo inovador, que veio para ficar e mudar o dia a dia dos(as) camponeses(as). Buscando cuidar da saúde das camponesas, familiares e clientes-amigos(as), passaram a ser tomados alguns cuidados durante a pandemia. A partir dos contatos por rede social foi possível montar uma logística para a entrega dos produtos, respeitando o protocolo de distanciamento social. Além dos cuidados com a produção e fabricação dos alimentos, agora elas precisavam ter cuidados redobrados na higienização, utilizar máscara, álcool gel e manter o distanciamento.

Mulheres camponesas e soberania alimentar em tempos de pandemia

As camponesas entrevistadas têm objetivos que vão muito além de lucratividade. Elas se preocupam com as outras pessoas, buscam contribuir com o enfrentamento da fome e levar alimentos de qualidade a todos(as) os(as) consumidores(as) amigos(as), conforme aparece na fala de Fátima: “A mulher segue lutando da mesma forma, ela não se entrega, está sempre lutando para produzir algo saudável em benefício de todos”. Nesse mesmo sentido, é a fala de Luci:

O papel da mulher na garantia da soberania alimentar é fundamental, pois somos nós que sempre queremos o melhor para a família e nosso entorno. Não que os homens também não queiram, mas na maioria das vezes eles sempre querem o mais produtivo e nem sempre o produtivo nos traz benefícios à saúde (Luci).

A preocupação de entregar alimentos limpos, de qualidade e no mesmo padrão que consomem em casa é comum entre elas. Em pesquisa realizada com cinquenta camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro e em outros próximos, Bom Será, Paraíso II, Ibicuí, Santa Rita II, Capivara, Roseli Nunes e Santo Ângelo, constatou-se que é diversa a produção de alimentos nos lotes, e que as mulheres tem papel central nessa riqueza, mostrando preocupação com a produção de alimentos de qualidade e livres de contaminantes (COSTA et al, 2018). Nesse sentido, a entrevistada Marli lembra que são as mulheres que mais trabalham com as ‘miudezas’, além de preparar a alimentação das famílias.

As feirantes não só conseguiram manter suas famílias durante a pandemia, como também deram sua colaboração à população local que passa por situação de vulnerabilidade social. Elas sabem a importância da alimentação de qualidade em tempos de Covid-19. Nesse sentido, Luci ressalta que a alimentação saudável contribui para manter o corpo saudável e a imunidade alta. Já Loreci mostra satisfação por poder oferecer aos(as) clientes amigos(as) uma produção saudável, natural e de qualidade, contribuindo com o fortalecimento da saúde deles(as), especialmente nesse período difícil que enfrentamos.

Feminismo Camponês Popular na prática

O feminismo é algo plural. Na perspectiva do Feminismo Camponês Popular, a luta é voltada à defesa da equidade de gênero, da classe trabalhadora, do campesinato e da Agroecologia. Esse é o conceito de feminismo que a Via Campesina assumiu para si. O livro *Feminismo Camponês Popular* lançado em 2020, vem trazendo reflexões a partir de experiências do MMC, com mulheres camponesas que falam sobre as suas lutas pelo reconhecimento de seu trabalho, e o direito à liberdade de expressão. Historicamente a mulher vem sendo esquecida, deixada de lado e discriminada pela sociedade machista que impera até os dias de hoje, também no campo. Pensando em mudar o cenário atual o MMC vem articulando movimentos expressivos para dar luz à mulher camponesa, verdadeira protagonista no campo, zelando pelos bens naturais e nos proporcionando alimentos saudáveis de qualidade (MUNARINI; CINELLI; CORDEIRO, 2020, p. 33-34).

Esse feminismo é desconhecido pelas mulheres camponesas entrevistadas, que fazem parte do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST), integrante da Via Campesina.

Ao entrevistar as feirantes, observamos que o termo “Feminismo Camponês Popular” soa bonito nos ouvidos delas, entretanto, é algo novo. Possivelmente, o termo não seja utilizado massivamente nas atividades do setor de gênero do MST ou essas mulheres não estejam participando dessas atividades.

Todas as entrevistadas foram unânimes ao declarar que a defesa do território contra o avanço dos males do modelo neoextrativista, é protagonizado pelas mulheres. Nesse sentido, Fátima diz que sempre lutou para produzir sem agrotóxicos. Ela comenta que está sitiada pela soja, cultivada pelos vizinhos, o que acaba contaminando sua horta. “A invasão da monocultura é um problema para nós” (Fátima). Já Marli acredita que o Feminismo Camponês Popular é a libertação das mulheres, além da garantia do consumo de alimentos saudáveis e de boa saúde.

Conclusões

A capacidade de se reinventar que as feirantes carregam consigo é um misto de dignidade humana, atrelado ao respeito pelo território em que vivem e aos saberes tradicionais. É de conhecimento geral, que em uma sociedade machista e patriarcal, como no Brasil, a mulher camponesa tem que lutar pela equidade de gênero e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no campo, por este motivo tantos enfrentamentos, elas lutam por seus direitos.

A frase de Fátima resume bem a resistência das camponesas feirantes durante a pandemia de COVID-19: “A mulher segue lutando da mesma forma, ela não se entrega, está sempre lutando para produzir algo saudável em benefício de todos”. Enfim, embora seja um termo que as camponesas entrevistadas não se apropriaram por enquanto, elas efetivamente vivem o feminismo camponês popular nas suas práticas.

Precisamos nos empenhar na luta para construir uma sociedade menos desigual. Nesse sentido, temos muito a aprender com essas e com outras camponesas que defendem a vida.

Referências bibliográficas

ALLENDE, R. M. “**A arte de fazer feira**”: o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant’Ana do Livramento/RS. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Santana do Livramento, UERGS, 2019, 104p.

COSTA, C. et al. Mulheres na reforma agrária: semeando e colhendo agrobiodiversidade. **Anais** do 10º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SIEPE. Unipampa, Santana do Livramento, 6 a 8 de novembro de 2018.

MUNARINI, A. E.; CINELLI, C.; CORDEIRO, R. P. A luta das mulheres camponesas: da invisibilidade para sujeitos de direito. In: MEZADRI, A. M. M. et al (Orgs.). **Feminismo Camponês Popular**: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. SP: Expressão Popular, Outras Expressões, 2020, p.13-33.